



**Ser professor em
tempo de reconstrução:
manter o foco e reluzir o brilho
da alegria motivadora**

***Ser maestro en tiempos de reconstrucción:
mantenerse enfocado y brillar el brillo
de la alegría motivadora***

***Being a teacher in times
of reconstruction: staying focused and
shining the glow of motivating joy***

***MSc. Alexander Pereira,
Universidade Presbiteriana Mackenzie
Professor de música na educação infantil e no ensino fundamental I do
Colégio São Francisco Xavier, alexander_malu@yahoo.com.br***

Resumo

O artigo reflete a percepção de um professor que acredita que estamos vivendo um momento nebuloso no Brasil. O autor encontra ressonância em Ressa quando afirma que as *fake news* e as plataformas digitais alimentadas por mentiras causam grande destruição. Ele acredita que o brilho do conhecimento oferecido pela escola é parte importante do antídoto que pode erradicar esse mal. E encontra respaldo em Csikzentmihalyi, Gardner, Freire e Gainza.

Palavras-chave: Professor. Reconstruir. Memória. Alegria. Brilho

Abstract

The article reflects the perception of a teacher who believes we live in a cloudy moment in Brazil. The author thinks like Ressa when he says that fake news and digital platforms are filled with lies that cause big destruction. He believes the shine from the knowledge offered by the academy is an important part of the antidote that can eradicate this problem. He is backed by Csikzentmihalyi, Gardner, Freire and Gainza.

Keywords: Teacher. Reconstruct. Memory. Joy. Shine.

Resumen

El artículo refleja la percepción de un profesor que cree que estamos viviendo un momento brumoso en Brasil. El autor encuentra resonancia en Ressa cuando afirma que las *fake news* y las plataformas digitales alimentadas por mentiras causan grande destrucción. Él cree que el brillo del conocimiento ofrecido por la escuela es parte importante del antídoto que puede erradicar ese mal. Y encuentra respaldo en Csikzentmihalyi, Gardner, Freire y Gainza.

Palabras-Clave: Profesor. Reconstruir. Memoria. Alegría. Brillo.

Maria Ressa¹ (2022, p. 60) entende que “eu poderia contribuir mais para a evolução e a saúde do meu país no jornalismo que em qualquer outra atividade”. É com essa mesma confiança que compreendo o importante papel que o professor exerce na sociedade. Parafraseando Ressa, escrevo: eu poderia contribuir mais para a evolução e a saúde do meu país como *professor* que em qualquer outra atividade.

UM (IM)POSSÍVEL RETRATO DO PAÍS

Ressa escreveu um livro muito importante que mostra como as *fake news* são utilizadas como armas de destruição, para ela o verdadeiro inimigo é a desinformação. Em seu livro, ela mostra que as notícias falsas, *bots no Twitter* e no *Facebook* e manipulação de dados, são sintoma de uma doença que tem acometido as democracias.

¹ Maria Ressa nasceu nas Filipinas em 1963, estudou em Princeton, é jornalista e em 2021 ganhou o Prêmio Mundial de Liberdade de Imprensa da Unesco e o prêmio Nobel da Paz.

O nosso país passa por um momento obscuro, no qual a ciência é desacreditada e a democracia é posta em xeque. Eis que um espectro ronda o Brasil, é o espectro da ditadura. E com ele, tudo de pior que o cidadão pode enfrentar.

Atualmente, nos encontramos em meio aos escombros de um mundo que se foi, e precisamos de uma visão que antecipe o futuro e de coragem para imaginar e recriar o mundo como ele deveria ser: mais compassivo, mais igualitário, mais sustentável. Um mundo livre de fascistas e tiranos. (RESSA, 2022, p. 22).

As *fake news* chegam na escola pelos celulares dos estudantes, vivemos em um momento em que as informações chegam por novas fontes e essas fontes nem sempre têm um compromisso com a verdade. Ressa (2022, p. 20) nos mostra que a manipulação se deu através do seguinte mecanismo: “suprimir a informação e substituí-las por mentiras, por meio de implacáveis ataques aos fatos, desferidos por seu infame exército digital”. A escola é lugar de aquisição de conhecimento que é mediado pelo professor.

Ainda assim, quando acordo e olho pela janela, me sinto revigorada. Tenho esperança. Vejo as possibilidades – apesar das trevas, este é também um momento oportuno para reconstruir as nossas sociedades, a começar justamente pelo que está diante de nós: nossa área de influência. O mundo que conhecíamos foi dizimado. Agora, cabe a nós decidir o que queremos criar. (RESSA, 2022, p. 16).

Eu, como cidadão e professor de música, acredito na arte, no brilho sugerido por Maiakovski no poema *A extraordinária aventura vivida por Vladimir Maiakovski no verão na datcha*: “gente é pra brilhar”. O professor é aquele que faz com que o outro brilhe, ele é um farol que lança luz para que o rumo seja mantido ou encontrado. Também é possível brilhar pela alegria motivadora do conhecimento. Procuro transmitir esse brilho em minhas aulas. O brilho da alegria motivadora que surge através do bom resultado obtido por um único estudante, mediado por mim, pode contagiar toda a sala. Convida aquele estudante que ainda não tem um resultado sonoro a buscar, a praticar mais e obtê-lo. É parte do meu trabalho perceber, colher os resultados e mostrar para toda sala, estabelecendo um padrão de qualidade musical tentado, sempre que possível, subi-lo. É importante que a referência seja um

estudante pois pode servir como estímulo aos outros, na medida em que percebem que o resultado foi obtido por um igual.

“Educar-se na música é crescer plenamente e com alegria. Desenvolver sem dar alegria não é suficiente. Dar alegria sem desenvolver tampouco é educar”. (GAINZA, 1988, p. 95). Encontrar a boa medida entre “crescer” e ser “alegre” é uma preocupação em meus planejamentos para as aulas. Em minhas aulas, a alegria é mola propulsora ao crescimento artístico, a motivação intrínseca (conceito desenvolvido pelo psicólogo húngaro Mihaly Csikszentmihalyi (1934 – 2021)), que se constitui como resultado dos pequenos sucessos obtidos ao longo do processo.

“O espírito pedagógico é *entusiasta* e *progressista*; não é apenas um sinal de “mais”, mas um sinal de mais com a flecha dirigida para frente, porque é capaz de projetar-se e avançar” (GAINZA, 1988, p. 96).

Mesmo com a possibilidade de pesquisas na internet, certos assuntos não fazem parte do repertório do estudante; aquilo não existe para ele, não é pesquisado, a não ser, quando apontado pelo professor. Passa sempre pela minha mente, na elaboração dos planos de aula, ter um momento para o “novo” (desconhecido), ampliando o repertório. Tenho um projeto dentro do ensino fundamental I (crianças de 06 a 10 anos de idade) chamado: Nos Apropriando de Nossos Compositores. Nele, compositores e intérpretes “desconhecidíssimos” como Jackson do Pandeiro, Tom Jobim, Beatles e Bach, podem ser descobertos pelos estudantes.

A minha prática em sala de aula mostra que os estudantes gostam de desafios e o professor pode criar meios para o que antes era desconhecido, se torne parte do cotidiano dele. Um exemplo claro disso ocorre durante a aula, quando vamos fazer percussão corporal: o ritmo é construído por sons obtidos pela percussão em partes diferentes de nosso corpo. Variando as velocidades, a intensidade e os lugares a serem percutidos, é possível conseguir uma grande variação de alturas e ganho rítmico. Tudo pronto! A seção rítmica da orquestra está montada! A bateria já chegou e está a serviço do canto e da dança. Os estudantes, naquele momento, sentiam-se como artistas! Nós professores, somos persistentes, procuramos sempre

que necessário, um novo caminho: - Vamos fazer uma vez mais, agora só as meninas, ou agora só os meninos, e depois todos.

Quantos não teriam chegado lá, não fosse nossa insistência como professores, muitas vezes contra a vontade deles? A escola deve ser um lugar de vários caminhos e de várias tentativas. “Se a luta fosse facultativa, não teria ido até esse ponto”. (SNYDERS, 1993, p. 106).

O esporte nos ensina que aquilo que ontem era impossível, hoje é realidade, pois com treinamento é possível chegar a tempos melhores e quebra de recordes. O estudo da música também nos ensina que atingir uma determinada velocidade é uma questão de estudo. O palco é a parte menor, embora imprescindível, do fazer musical; quanto se estuda antes de subir ao palco, quanto de ensaio é necessário para fazer uma apresentação em qualquer área...! Por isso é tão necessário um professor motivador, para criar hábitos, melhorar a escuta, mostrar as melhores maneiras de fazer um trabalho para obter bons resultados. Isso faz parte da motivação e do incentivo. Essa forma de pensar e agir me acompanha durante todo processo pedagógico.

Esse arco pedagógico começa, em minha prática, na educação infantil (crianças de três a cinco anos de idade) com o exercício A Roda do Ônibus Roda (as crianças girando os braços com as mãos fechadas, imitando o girar da roda do ônibus), indo até as grandes construções sonoras do Barbatuques², nos anos finais do ensino fundamental I. O espírito pedagógico é brilhante como o sol no poema. “O espírito pedagógico é *curioso, criativo*, inquieto. É uma linha que avança vibrante, mas que se move e ondula porque aspira a explorar até o último resquício do homem e da música”. (GAINZA, 1988, p. 96).

² Grupo musical paulistano, formado em 1995, desenvolve uma abordagem da música corporal através de suas composições. A partir de pesquisas e criações de Fernando Barba e de seu contato com o músico Stênio Mendes, o Barbatuques deu origem a diferentes técnicas de percussão corporal, percussão vocal, sapateado e improvisação musical.

A curiosidade e a criatividade dos estudantes devem ser levadas em consideração, do planejamento ao término da aula, pois pode ser o motivador primeiro para construção ou aquisição de um novo repertório com características diferentes daquelas comuns aos estudantes. É necessário coragem para enfrentar um novo desafio musical. Em minhas aulas procuro encorajá-los.

Uma vez alguém disse que as duas coisas mais importantes para desenvolver o gosto são: sensibilidade e inteligência. Eu não concordo; diria que são curiosidade e coragem. Curiosidade para procurar o novo e o escondido, coragem para desenvolver seus próprios gostos sem considerar o que os outros podem pensar ou dizer. (SCHAEFER, 1991, p. 24).

No processo ensino/aprendizagem, em qualquer conteúdo existem momentos mais fáceis e momentos muito duros, momentos de repetição, momentos de total atenção ao professor, momento de discussão com outro aluno, enfim, é esperado que cada um cumpra o seu papel.

Procuro encorajar os estudantes de modo afetuoso e honesto. Criando um ambiente propício para que eles se apresentem, que a timidez seja vencida, que a coragem de criar se apresente e seja maior que os obstáculos encontrados. O professor precisa ter em mente que o vínculo estabelecido entre ele e seus alunos os encoraja.

A palavra coragem tem a mesma raiz que a palavra francesa *coeur*, que significa "coração". Assim como o coração irriga braços, pernas e cérebro fazendo funcionar todos os outros órgãos, a coragem torna possíveis todas as virtudes psicológicas. (MAY, 1982, p.9).

É consenso ser muito difícil ao aluno renunciar à conversa, principalmente no início de um novo projeto quando nem tudo está claro. A alegria pode ser uma solução para tais problemas. SPINOZA (apud SNYDERS, 1993, p. 27) “[...] e não sentimos alegria porque reprimimos nossas inclinações; ao contrário, é porque sentimos alegria que podemos reprimir nossas inclinações”. As pequenas alegrias que surgem ao longo do processo motivam sua continuidade, mesmo nos momentos mais difíceis, as alegrias não são o ponto de chegada, um fim em si; elas são sempre o meio utilizado para irmos mais longe.

As pessoas compromissadas com os fatos e com a transmissão deles, precisam saber quais as armas de engano estão sendo utilizadas por aqueles que querem enganar e mentir para manter a sociedade em suas mãos. No Brasil, assim como no restante do mundo, somos monitorados pela internet, quando fazemos uma compra online ou quando preenchemos um cadastro, tais informações retornam para nós em forma de sugestão para compras e até mesmo na forma de percebermos o mundo e, portanto, em nossas opiniões. Cabe a nós, professores, contribuir com a escolhas dos alunos, a seleção de fatos relevantes, auxiliar na busca pelo que realmente importa, que neste caso é conhecer o repertório, personagens e fatos da rica cultura musical brasileira.

“Somos responsáveis não só por nós mesmos, mas também pelo mundo à nossa volta, em nossa esfera de influência”. (RESSA, 2022, p. 47).

AJUDAR NA RECONSTRUÇÃO

A reconstrução da nossa sociedade passa, necessariamente pela ciência, pela escola, portanto, pelo professor, de acordo com a área de influência de cada um de nós. Durante as aulas, exercendo o papel de *gatekeeper*, conceito elaborado por Csikszentmihalyi (1998), que pensou o modelo sistêmico da criatividade. Segundo este pesquisador, a criatividade resulta da interação de um sistema composto por três elementos: uma cultura que combina regras simbólicas, uma pessoa que traz a novidade para o domínio simbólico e um campo de especialistas que reconhecem e validam a inovação (os *gatekeepers*). Apresento na sala de aula uma pequena, porém importante parte do repertório ocidental, os compositores e as amostras sonoras que constituem as matrizes de parte dessa música, trazendo luz e a alegria brilhante e motivadora, através dos pequenos sucessos na aquisição do conhecimento. O educador e filósofo Paulo Freire, um dos pensadores mais importantes da pedagogia mundial (1921-1997), nos mostra:

É falso também tomar como inconciliáveis seriedade docente e alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigorosidade. Pelo contrário, quanto mais metodicamente rigoroso me torno na minha busca e na minha docência, tanto mais alegre me sinto e esperançoso também. A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender

não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria (FREIRE, 2004, p. 142).

Somos professores, temos um propósito, um compromisso com a informação que pode ser transformada em conhecimento, quando mediada por nós. Mihaly Csikszentmihalyi nos mostra que o professor é o *gatekeeper* (KUO, 2011, p.70), aquele que vai conduzir o estudante e sugerir os caminhos. O mestre motivado e sensível, que vai contribuir no desenvolvimento da criatividade da criança. Visão compartilhada por Howard Gardner, psicólogo estadunidense, professor e pesquisador em Harvard nas áreas de cognição, educação e criatividade.

Esse é o momento em que as crianças anseiam o conhecimento de como fazer as coisas: elas querem saber tocar um arpejo, como fazer o desenho de um edifício em perspectiva ou como escrever um mistério (ou até mesmo uma paródia de Sherlock Holmes). Consequentemente, professores desejando instruir e exemplos de como fazer as coisas tornam-se cruciais. (GARDNER, 1999, p. 85).

É nessa hora que o professor agindo como *gatekeeper* estará lá para mediar conhecimento, instruindo-as. Ele é um dos guardiões da fronteira do conhecimento, que validam o domínio simbólico daquela cultura.

Não sabemos quem somos até o momento em que temos que lutar por quem somos. Então, como decidir por que lutar? Às vezes, a escolha não é nossa. Encontramos a razão de nossa luta em decorrência de todas as escolhas que fizemos até aquele ponto. [...] Um propósito não é algo que se encontra a cada esquina ou que se peça de presente. Nós o construímos por meio das escolhas que fazemos, dos compromissos que assumimos, das pessoas que amamos, dos valores que prezamos. (RESSA, 2022, p. 27).

O compromisso assumido por mim, como professor, é buscar o ideal artístico, tendo em mente que arte e sociedade não se dissociam, são espelhos uma da outra. A produção criativa só faz sentido quando exposta à sociedade, como parte deste modelo sistêmico no qual o professor atua como *gatekeeper*, que insere a criação no campo específico da cultura, no domínio da música. Contribuir na formação dos estudantes, mostrando a eles várias possibilidades sonoras, possíveis caminhos à construção e reprodução de tais possibilidades.

A CONTRIBUIÇÃO DO PROFESSOR NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA AFETIVA QUE CONSTITUI O GUIA INTERIOR

Ressa, em alguns momentos de seu livro, nos alerta que um dos danos causados pelas *fake news* é fazer com que criemos um falso passado, formado pelo bombardeio de informações falsas no presente.

[...] afirmei que uma bomba atômica havia explodido no meio do nosso ecossistema internacional, com as plataformas de tecnologias oferecendo aos poderes geopolíticos um instrumento para manipularem cada um de nós individualmente. (RESSA, 2022, p. 19).

Acredito que nós professores, podemos contribuir para a construção de um passado verdadeiro no presente, promovendo dentro da sala de aula um encontro com a verdade. O professor contribui na formação do *Guia Interior* do estudante, as experiências saem da sala de aula e entram em nossa memória afetiva se sedimentando e fazendo parte da constituição do guia interior do aluno (MELLO, 2008), será o que vai nortear suas escolhas estéticas e as não estéticas ao longo de sua vida. Esse conceito pode ser entendido como um olhar para dentro de nós mesmos, consultando-nos, buscando dentro de nossas experiências anteriores uma régua, um aferidor, aquilo que usamos para comparar e buscar significado, estabelecendo um valor para aquilo que está sendo observado.

Nas artes, promovendo experiências significativas, buscando a medida certa do grau de dificuldade adequado ao aluno para que ele não se sinta desestimulado, quer seja por ser fácil demais ou impossível para ele naquele momento. Nós professores de música, somos persistentes, procuramos, sempre que necessário, um novo caminho: - vamos fazer uma vez mais, agora só as meninas, agora só os meninos, todos. Isso é comum nas aulas. Quantos não teriam chegado lá, não fosse nossa insistência, muitas vezes, a despeito da vontade deles? A escola deve ser um lugar de vários caminhos e de várias tentativas. “Se a luta fosse facultativa, não teria ido até esse ponto”. (SNYDERS, 1993 p. 106).

Acredito que o professor deva se preocupar com o que vai ficar com o aluno depois que o sino bater. “A aprendizagem é o resíduo da experiência”, como nos lembra Keith Swanwick (2003, p. 94). A experiência de fazer música inserida no currículo escolar contribui no desenvolvimento do estudante, pois proporciona uma reflexão assistida. Enquanto o estudante vive a experiência, o professor faz a mediação, dando o retorno, auxiliando o aluno no garimpo residual da experiência vivida em sala de aula. Tal fato só acontece numa situação de aprendizado.

Hoje entendo meus professores que pediam sempre um pouco mais: “É possível que fique ainda melhor, mais limpo, mais rápido e com um fraseado melhor.” Sempre fui motivado por desafios, eles sempre me levavam adiante, mas eu só aceitava desafios de professores que eu admirava, seja pelo conhecimento, seja pelo bom relacionamento com os estudantes.

Receber um elogio de um professor duro sempre foi muito significativo para mim. Talvez o mais motivador para mim, era perceber o comprometimento do professor com o conteúdo e com sua transmissão.

O nosso mundo imaginativo será povoado por expectativas, aspirações, desejos, medos, por toda sorte de sentimentos e de 'prioridades' interiores. Se é fácil deduzir-se a influência que exercem sobre a nossa mente, no sentido de encaminhar as associações para determinados vínculos com o passado, do mesmo modo é fácil saber que as prioridades interiores influem em nosso fazer e naquilo que 'queremos' criar. (OSTROWER, 2001, p. 20).

Csikszentmihalyi nos lembra de que “a Memória (Mnemósine) é a mãe da cultura” (CSIKSZENTMIHALYI, 2002, p. 182), é aquilo que liga o ontem ao amanhã, o que faz com que tenhamos escolhas.

“Observar, registrar e conservar a memória dos grandes e pequenos sucessos da vida é uma das maneiras mais antigas e gratificantes de trazer ordem à consciência”. (CSIKSZENTMIHALYI, 2002, p. 182). A formação do repertório certamente está relacionada à emoção do estudante.

BRILHO ESTIMULADO PELA ALEGRIA MOTIVADORA

Em outro momento do poema, Maiakovski nos mostra que brilhar implica trabalho e que deve ser um movimento contínuo, como deve acontecer na busca do conhecimento; “mas quando se começa é preciso prosseguir e a gente vai e brilha pra valer”. Esse brilho pode ser tão importante que poderá ser escolhido por nossa memória afetiva para ficar e brilhar. A artista e pesquisadora Fayga Ostrower (2001) nos mostra que os conteúdos de ordem afetiva e de estados de ânimo como alegria, tristeza, medo, ativam nossa memória para contextos anteriores, podendo ser eles bons ou não. A afetividade desempenha um papel fundamental nos processos de aprendizagem.

Quais são as lembranças, esse passado escolhido para nos levar para o futuro e influenciar nossas escolhas, como nós professores estamos cuidando desse importante assunto, como nossos alunos estão nos percebendo e o que fica dessa percepção para o futuro? A alegria é motivadora e deve ser buscada pelo professor durante todo o processo de ensino/aprendizagem.

Sâmara (2018, p. 24) escreve: “Observa-se, então, tanto o prazer dos alunos frente a um trabalho realizado, as inclinações naturais de cada um no encontro com alguns materiais e a dificuldade em lidar com certos desafios”.

A alegria decorrente do resultado do trabalho do estudante o levaria a dar o próximo passo.

“Somente se o aluno sentir a alegria presente na escola é que ele reprimirá sua inclinação à distração, à preguiça, à facilidade”. (SNYDERS, 1993, p. 27).

Csikszentmihalyi nos mostra que: “As atividades de fluxo têm como função principal proporcionar experiências agradáveis. O jogo, a arte, a representação, os rituais e os desportos constituem alguns exemplos” (2002, pág. 108). Experiência Ótima - fluxo ou *flow*: é um estado psicológico estudado por Mihaly. Ele defende que quando o estado de fluxo acontece, o foco na atividade que está sendo desenvolvida aumenta consideravelmente, gerando inclusive a perda da percepção da passagem do tempo. Para que o *flow* aconteça, é necessário que algumas condições sejam atendidas,

dentre elas: clareza de objetivos (regras), que a atividade tenha um fim em si (autotélica) e que haja equilíbrio entre o nível das atividades propostas e nível das habilidades do executante.

Relato aqui um momento de estado de fluxo que percebo em minhas aulas, na educação infantil: as crianças acreditam que estão apenas brincando quando atendem ao meu pedido e escolhem uma das cinco linhas desenhadas no chão. Peço que as meninas fiquem em pé nas linhas dois e três e que os meninos fiquem em pé nas linhas um e quatro; também posso pedir que eles se posicionem entre as linhas, é uma espécie de “fazer tudo o que o seu mestre mandar”, pura diversão, estado de fluxo garantido, perda da noção do tempo, entusiasmo e rapidez para atender meus pedidos. O desfecho dessa brincadeira se dá a partir do 3º ano do ensino fundamental I, quando começamos a posicionar as notas nas linhas e espaços da pauta. Eles não sabem, mas durante a brincadeira eles são as notas que se movem nas linhas do jogo. O ápice de tudo isso acontece quando um estudante que agora está no fundamental I se lembra que participou da brincadeira das linhas, lá na educação infantil e estabelece uma relação com o que ele está fazendo agora.

Essa conexão entre o passado e o presente, aquilo que foi escolhido pela memória para ficar guardado também acontece em outro exercício realizado em sala de aula, quando eu conto aos estudantes da educação infantil a história da “Antonieta, a menina que jogava discos”: uma menina morava em uma fazenda, a tal fazenda tinha uma cerca, e a cerca era construída basicamente por cinco fios. A menina passa parte de suas manhãs jogando seus discos, tentando fazer com que eles ativessem a cerca, mas alguns discos passam por entre os fios e outros batem nos fios. Depois de contar essa história a eles, peço que eles desenhem a Antonieta jogando os discos e o exato momento em que os discos estão entre os fios ou batendo neles. As crianças gostam da história e atendem meu pedido, sem saber que a história é o ponto de partida das notas musicais na pauta, que será desenvolvida no ensino fundamental I.

Através destas experiências que fazem parte das aulas de música, quando estamos tocando, cantando ou desenhando, somos alimentados por pequenas satisfações e nos sentimos motivados a continuar, entrando no estado de *flow*.

O professor, em todos os níveis, tem a função, principalmente nesses momentos de incerteza, de lançar luz sobre aquilo que está encoberto para que o estudante perceba e entenda o mundo e faça suas escolhas. Benjamin (1987, p. 169) nos mostra que: “O modo pelo qual se organiza a percepção humana, o meio em que ele se dá, não é apenas condicionado naturalmente, mas também historicamente”.

Na medida que nossa percepção não se dá exclusivamente de modo natural, é importante que as histórias aprendidas sejam verdadeiras.

Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 1987, p. 114).

O professor, é aquele que, em função de sua formação sabe quais histórias devem ser contadas e qual o melhor momento de contá-las. Acredito que uma das funções do professor seja a de mediar, organizar, sugerir, mostrar, reorganizar, acompanhar e insistir: “A arte mais importante do mestre é provocar a alegria da ação criadora e do conhecimento” (EINSTEIN apud SNYDERS, 1993, p.21). Nas aulas de música, apontar um repertório, motivá-los para que aprendam, dar o apoio técnico necessário e construir um repertório artístico, tendo a alegria e o fluxo como meio. Segundo Gardner:

O membro da audiência é alguém cuja vida de sentimento é afetada quando ele encontra um trabalho de arte. Para se qualificar como membro da audiência, ele precisa passar por mudanças afetivas, mas, diferentemente do artista, ele não precisa compartilhar seu afeto experienciado com os outros. Seu principal tipo de emoção, experienciar sentimentos de prazer, abertura, equilíbrio, renovação, penetração ou *pathos*. (1997, p. 50).

Destaco algumas palavras: sentimento, afetada, mudanças afetivas, experienciado, emoção e *pathos*. A *experiência* da audiência *afeta* nossa relação com a arte através das diferentes *emoções*, podendo criar em nós novas relações *afetivas* em função dos diferentes *ethos* de uma obra, com a qual nos relacionamos por diferentes *pathos*.

Em muitos momentos, o professor quer que o aluno passe para o lado de cá do balcão e faça arte, que seja um aluno – artista, que tenha produção, que seja motivado a produzir uma obra artística e que dentro desse processo, encontre as pequenas alegrias que sejam, talvez, bastante motivadoras, para levá-lo a um produto. Em sala de aula, isso acontece com frequência: tenho um objetivo ao passar uma célula rítmica, cobrir uma canção, por exemplo. Os alunos se apropriam da célula e transformam-na em mais trinta possibilidades, realmente distintas entre si. CSIKSZENTMIHALYI nos lembra que os desafios da atividade são o que nos obriga à concentração (2002, p. 139) e isso acontece quando fazemos música.

Facilitam a concentração e o envolvimento tornando a actividade tão diferente quanto possível da realidade suprema [...] Tais *actividades de fluxo* têm como função principal proporcionar experiências agradáveis. O jogo, a arte, a representação, os rituais e os desportos constituem alguns exemplos. (CSIKSZENTMIHALYI, 2002, p. 108).

E essas experiências agradáveis serão motivadoras para o maior aprendizado na escola. Durante as aulas o fluir acontece, ele está presente ou não, em função da atividade que estamos desenvolvendo. Quando estamos percutindo com copos, por exemplo, é um momento no qual o fluxo acontece, os elementos para que o fluxo aconteça, estão presentes. O aumento da perícia, em função da quantidade das repetições e o aumento dos desafios (aumento da quantidade de gestos e aumento da velocidade) garantem fluxo, fluxo motivador.

A alegria motivadora oriunda dos resultados parciais pode alimentar os projetos vindouros. É compromisso meu, durante as aulas buscar caminhos que levem o estudante a gostar do fazer musical, é importante contagiá-los com nossa alegria, conhecimento e interesse pela matéria.

[...] há muito maiores compensações para quem aprende a fazer música. O poder de Apolo dependia de sua habilidade de tocar lira, Pan fazia delirar as audiências com as suas flautas, e a música de Orfeu até a morte sustinha. Estas lendas evidenciam a relação entre a habilidade para criar harmonia sonora e a harmonia mais geral e abstração subjacente ao tipo de ordem social que chamamos civilização. Ciente dessa relação, Platão acreditava que a música devia ser a primeira coisa a ensinar às crianças; aprendendo a prestar atenção a ritmos e harmonias melódicas

toda a sua consciência ficaria ordenada. (CSIKSZENTMIHALYI, 2002, p. 157).

Na sala de aula, acredito que buscamos ações que estejam direcionadas a estimular o fluxo. Acredito que, nas várias etapas do processo de aprendizagem, nem sempre fica claro para o aluno onde tudo aquilo vai dar. Sempre mostro ao aluno qual a finalidade do que estamos fazendo, gerando direcionalidade para todo fazer em sala de aula.

“Para experimentar o fluxo, temos de definir objetivos para as nossas ações: ganhar um jogo, fazer amizade com alguém, realizar algo de uma determinada maneira”. (CSIKSZENTMIHALYI, 2002, p. 289). Tocar, tirar uma música, passar uma voz, é experimentar a experiência ótima, o *flow*, passar mais uma vez uma canção é a possibilidade de que ela fique ainda melhor.

A alegria obtida pelo bom resultado nos motiva a dar mais um passo e, de passo em passo, concluímos mais um projeto sonoro que se retroalimenta dos pequenos resultados obtidos ao longo do processo.

“Para nos aproximarmos da experiência ótima tanto quanto é humanamente possível, é necessário dar um último passo no controle da consciência”. (CSIKSZENTMIHALYI, 2002, p. 286). Em minhas aulas, aprender a desenhar uma clave de sol, leitura de notas, audição de uma nova canção, percussão corporal, estudo de dedilhado e afinação, para citar poucos exemplos, são os possíveis caminhos para o fluxo.

O professor precisa saber onde está e qual é o melhor caminho para chegar ao que se propõe, mesmo que não diga a seus alunos por onde passariam, e nem por quê.

Nas séries mais avançadas do fundamental II (crianças com 13 e 14 anos de idade), o aluno está consciente do processo em que está e para onde vai, de quais são os propósitos, os meios e os ganhos. Quando isso acontece, ele pode aferir por conta própria os resultados obtidos e entender, por si mesmo, quais serão os próximos passos.

Durante as aulas observo o desenvolvimento e o envolvimento que os alunos demonstram ao longo da construção de um novo repertório, seja ele tocado ou cantado. Por vezes, no início do processo, a maior parte dos estudantes parece não se interessar pela canção proposta; por outro lado, sempre existem alunos

que se interessam pelo que é apresentado pelo professor, pelo simples fato de ter sido mostrado; nesses casos, eles acreditam que aquilo deva ser absorvido, sem fazer questionamentos.

Ao entenderem qual é o objeto de estudo, outros alunos passam a se interessar pelo repertório; e, na semana seguinte, aqueles indiferentes percebem que alguns “fizeram a lição de casa”, mostraram aos pais a canção, ouviram outras versões e treinaram o dedilhado. Agora o processo passa a ser pessoal e o aluno pode pensar: “se ele fez, eu também posso fazer”. A fase de estranhamento, então, deixa de existir e no final da segunda aula, quase a totalidade da sala “compra” a ideia e aprende a canção. Muitas vezes, no final da primeira aula os resultados já aparecem.

Nem sempre o interesse pelo repertório é imediato. Relato outra experiência realizada num colégio, junto com a professora de sala no desenvolvimento de um projeto de leitura de um livro, “Samba e Bossa-Nova” (GULLO, VANNUCHI, 2014). Ao tomar contato com o propósito do projeto, muitos alunos disseram que não gostavam de samba e que, nem por isso, eram ruins da cabeça e, muito menos, doentes dos pés, como afirma Dorival Caymmi nos versos da música “O samba da minha terra”. Tonalidade confortável, compreensão do texto, dedilhado esclarecido, notas digitadas na flauta, resultado do fim da primeira aula: “Até que essa música é boa, mas eu continuo não gostando de samba; mas esse é bom”.

O cantor que mistura a sua voz com a harmonia de um coro fica arrepiado ao sentir-se em união com o som perfeito que ajudou a criar. [...] Nos nossos estudos verificamos que todas as atividades de fluxo, independente de envolverem competição, acaso ou qualquer outra dimensão da experiência, tinham em comum o fato de proporcionarem uma sensação de descoberta, um sentimento criativo de transporte para uma nova realidade. Impeliam a pessoa para níveis mais altos de desempenho e levavam a estados de consciência nunca antes sonhados. Em suma, transformavam o eu tornando-o mais complexo. Neste crescimento do eu está a chave das atividades de fluxo. (CSIKSZENTMIHALYI, 2002, p. 110).

É comum, durante um ensaio de um grupo coral que o fluxo aconteça e Csikszentmihalyi nos mostra o fluxo como motivador da criatividade; a pequena alegria obtida quando deixamos em pé uma página de música, nos motiva a

continuar a cantar e entender o que acontecerá nas páginas seguintes. Ostrower (2001) nos lembra de que “A criatividade como entendemos, implica uma força crescente; ela se reabastece nos próprios processos através dos quais se realiza”. (2001, p.27). É a força da alegria motivadora que nos leva a criar mais.

Raymond Murray Schafer, compositor, ambientalista e professor canadense (1933 - 2021) nos ensina que “pode ser que a educação seja simplesmente a história de todos os acontecimentos mais marcantes de nossas vidas”. (SCHAFER, 1991, p. 283). É obrigação da escola mostrar várias possibilidades ao estudante nas diversas matérias que oferece.

Fazendo a fusão daquilo que nos foi mostrado por Csikszentmihalyi, busco preparar aulas que despertem a curiosidade do estudante, levando-o ao contato com a verdade artística, mostrando a ele muitas vezes o desconhecido, através de exemplos sonoros que, tendo o nível ideal de dificuldade para cada sala, façam com que o estudante não seja levado nem ao tédio e nem a ansiedade, em função da facilidade ou dificuldade excessiva.

É nesse momento que o professor deve contribuir com a verdade em qualquer que seja o seu campo. “Um exame de valor e de princípios não só do jornalismo ou da tecnologia, mas também da ação coletiva de que precisamos vencer essa batalha pelos fatos”. (RESSA, p. 19, 2022).

Desde meu discurso de aceitação do Prêmio Nobel da Paz, no final de 2021, eu vinha afirmando reiteradamente que quem quer que vencesse as eleições seria responsável por determinar não apenas nosso futuro, mas também nosso passado. Não se pode ter integridade eleitoral sem integridade factual. (RESSA, 2022, p. 21).

Todos os assuntos dentro da escola, em todas as áreas, são importantes e devem ser verdadeiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É tempo de reconstruir, portanto, é tempo de trabalho, mas como nos lembra Taiguara “há um sol nascente avermelhando o céu escuro chamando os homens pro

seu tempo de viver”. (Taiguara, “Que as crianças cantem livres”, álbum Fotografias, 1973). Vivamos o nosso tempo e a despeito das dificuldades encontradas, lembrando de que “é preciso estar atento e forte”. (Gilberto Gil e Caetano Veloso, “Divino maravilhoso”, álbum Gal Costa, 1969). Atentos para entender as necessidades de nossa época, para discernir o que é ou não verdade e fortes para mostrar outras direções possíveis, dentro e fora de sala. O professor, aquele que busca novas estratégias para fazer com que a luz do conhecimento seja alcançada por todos aqueles que buscarem, é aquele que através do conhecimento e do trabalho, procura manter os estudantes focados, motivados pela alegria obtida pelos pequenos sucessos decorrentes do desenvolvimento dos estudantes.

Também é tempo de brilhar através da arte, ela torna possível o que ainda não era: “El arte no reproduce lo visible; hace visible” (KLEE, 1976, p. 55).

É tempo de contribuir, sempre que possível, na promoção e valorização da Experiência Ótima nas aulas, trabalhando para que os estudantes adentrem ao *flow*, se alegrando ao longo do processo sendo motivados a continuar. Deste modo, encontraremos professor e estudantes contagiados pela alegria do fazer musical, construindo boas lembranças que serão guardadas na memória afetiva de cada um, contribuindo na formação do guia interior do estudante, que será consultado nas tomadas de decisão, quer sejam estéticas ou não. As experiências precisam ser significativas para os estudantes e serão positivamente significativas quando percorrerem seus trajetos, conduzidas pelas boas emoções. O cansaço, assim como outras dificuldades externas também aparecem durante o processo, mas a busca pelo bom resultado artístico deve ser o norte motivador. Outro fator importante é a forma como o professor mostra aos estudantes aquilo que ainda não está bom e precisa ser refeito: é importante que o aluno constitua uma boa relação com o professor e acredite nos caminhos apontados por ele. Tendo sempre em mente: “brilhar para sempre, brilhar como um farol, brilhar com brilho eterno, gente é pra brilhar, que tudo mais vá pro inferno, este é o meu slogan e o do sol”, conforme declamado por Maiakovski.

BIBLIOGRAFIA

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo. Editora Brasiliense. 1987.
- KLEE, Paul. *Teoria del moderno*. Buenos Aires: Ediciones Caldén, 1976.
- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. *A Descoberta do Fluxo: a Psicologia do Envolvimento com a Vida Cotidiana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. *Fluir - A Psicologia da Experiência Ótima: Medidas para Melhorar a Qualidade de Vida*. Lisboa: Relógio D'água Editores, 2002.
- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. *Flow, the secret to happiness*. FLOW, THE SECRET TO HAPPINESS. TED Ideas worth spreading. On line. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fXleFJCqSPs>>. Acesso em 13 abr. 2018.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- GAINZA, Violeta Hemsy de. *Estudos de pedagogia musical*. São Paulo: Summus, 1988.
- GARDNER, Howard. *As Artes e o Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MAY, Rollo. *A coragem de criar*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1982.
- MELLO, Regina Lara Silveira. *O processo criativo em arte: percepção de artistas visuais*. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia) – PUC Campinas – Campinas, 2008.
- O'NEIL, Cathy. *Algoritmos de destruição em massa: como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia*. 1. ed. Santo André: Editora Rua do Sabão, 2020.
- OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- PEREIRA, Alexander. *A alegria motivadora na escola e a contribuição da música*. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo, 2021.
- PITHON, Mariana; CAMPOS, Nathalia. *Poemas russos*. Belo Horizonte: FALE/UFMG. 2011.
- RESSA, Maria. *Como enfrentar um ditador: a luta pelo nosso futuro*. São Paulo: Companhia das letras, 2022.
- ROXO, o mundo segundo Ana Roxo. POESIA F* DA SEMANA: *A Extraordinária aventura vivida por Vladimir Maiakovski no Verão na Datcha*. 02 de outubro de

2017. Disponível em
<https://www.youtube.com/watch?v=uLCfdC1RBn0&t=144s>. Acesso em 20 dez.
2021.

SÂMARA, Maria do Carmo Lizarzaburu Abi. *O processo de criação do artista-artesão no encontro com a matéria*. Dissertação Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2018.

SCHAFER, Raymond Murray. *O Ouvido Pensante*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

SNYDERS, Georges. *Alunos Felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SWANWICK, Keith. *Ensinando música musicalmente*. São Paulo: Editora Moderna, 2003.